

O CINEMA COMO SUPORTE PARA O ENTENDIMENTO DA FILOSOFIA.

Armindo Quillici Neto¹

Introdução:

A escola contemporânea² tem raízes profundas na filosofia racionalista Grega, a razão é que determina a realização do homem no mundo. A Grécia influenciou na formação do conceito de homem e de sociedade no período medieval, principalmente com o pensamento racionalista. Por outro lado, a cultura moderna também foi influenciada pelos pensadores gregos, de modo que a formação cultural do homem ocidental está essencialmente ligada à Filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles.

Pode-se afirmar que, contemporaneamente, a educação ainda trabalha sobre uma visão racionalista no que tange ao entendimento da relação do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo em que este está inserido, no seu *Ethos*³, ou seja, a morada do homem no mundo. Sendo assim, a ótica formadora da escola centra-se nos dois grandes eixos inaugurados no livro da República, escrito por Platão. Há dois mundos: o *sensível*, que vê o homem através de seus sentidos, das coisas empíricas, do corpo, que, portanto, são terrenas, passageiras, frágeis e imperfeitas. O *inteligível*, que entende o homem a partir de sua razão, logo, o mundo do bem, da dialética, da alma, do belo, da perfeição.

Tais entendimentos podem ser observados no texto da *Alegoria da Caverna*, presente no capítulo sétimo da República⁴, em que o mundo *sensível* é representado pelas sombras, pela escuridão e impedido de uma visão clara da realidade. O mundo *inteligível* é representado pela luz, pela claridade das idéias e da alma, ou seja, a razão tem as condições necessárias para que o homem conheça a realidade e se realize no mundo em que está vivendo, é o chamado mundo do *Bem*.

Assim, nosso objeto trata de uma reflexão sobre o filme *Mar Adentro*, com base na República. Buscaremos o significado da relação entre o mundo do *sensível* e do *inteligível*, marcas fortes da celebre *Alegoria da Caverna*. Do conceito de *inteligível*, discutiremos sobre o direito à morte do personagem principal do filme,

¹ Professor do Programa de Mestrado em Educação Superior do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI – Uberlândia/MG.

² Neste trabalho, não trataremos de questões ligadas ao pensamento Pós-Moderno ou da irracionalidade. Trataremos aqui somente da influência racionalista da Educação platônica na Educação contemporânea e do uso do cinema e do filme *Mar Adentro*, de Alejandro Amenábar, como mecanismo de entendimento da filosofia, podendo ser utilizado como mecanismo de sala de aula.

³ *Ethos*, segundo Lima Vaz, é a morada do homem no mundo - a partir do *Ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. O *Ethos* é o primeiro passo em direção à Ética (LIMA VAZ, 1988, p.12).

⁴ Platão nasceu em Atenas, em 428 ou 427 a. C., de pais Aristocráticos e abastados. Seu verdadeiro nome era Aristocles. Platão é um apelido que derivou, como referem alguns, de seu vigor físico ou, como contam outros, da amplitude de seu estilo ou ainda da extensão de sua testa (em grego, *Platos* significa precisamente "amplitude", "largueza", "extensão") (QUILLICI NETO, 2002, p.17).

que é a tomada de consciência da sua própria realidade, do sofrimento, das angústias, dos limites e da necessidade de sua própria morte ou libertação, enfim, um debate sobre a eutanásia.

Propomos a interpretação do filme *Mar Adentro* por meio da leitura da República de Platão e, ao mesmo tempo, por meio do filme, buscar o entendimento da filosofia presente na célebre obra de Platão, República. Mostramos como o filme fornece elementos fundamentais para a compreensão da racionalidade pensada por Platão e como tal racionalidade chegou até os dias de hoje. Enfim, a filosofia pode ser compreendida com mais eficiência, se buscarmos, no cinema, o mecanismo de entendimento e a elucidação das concepções complexas.

A racionalidade Platônica:

O primeiro contato de Platão com Sócrates deu-se aos vinte anos de idade. Foi deste encontro que nasceu em Platão o amor pela filosofia e pela vida política. Platão travou seu primeiro contato direto com a vida política em 404/403 a.C, quando a aristocracia assumiu o poder. Dois parentes seus, Cármides e Crítias, tiveram relevantes participações no governo oligárquico. O espírito crítico de Platão levou-o a uma visão muito pessimista do poder em face dos “métodos facciosos e violentos que constatou serem aplicados exatamente por aqueles nos quais depositava confiança” (REALE, 1990, p. 125).

Essa atitude se acentuou ainda mais com a condenação de Sócrates à morte, fazendo com que Platão se mantivesse afastado da política. Esteve em Mégara, após o ano de 399 a. C, com outros discípulos de Sócrates. Em 388 a. C, aos 40 anos, Platão viajou para a Itália e para o Egito. Retornou a Atenas, onde fundou a academia em um ginásio situado no parque dedicado ao herói Academos, de quem deriva esse nome⁵.

Podemos falar de Platão como sendo *o fundador da cultura e da educação eminentemente filosóficas*, decorrentes de um processo que começou com a sua admiração pela política. A vida e obra de Platão são inseparáveis. “De ninguém se poderia afirmar com maior razão que toda a sua filosofia não é senão a expressão de sua vida” (JAEGER, 1936, p. 548).

Platão é visto ainda como aquele que conseguiu fazer a separação entre a filosofia e a poesia.

⁵ Os trabalhos de Platão que chegaram até nossos dias, na sua totalidade, e que constituem a “questão platônica” foram os seguintes:

I- *Eutífron*, *Apologia de Sócrates*, *Críton*, *Fedon*; II- *Crátilo*, *Teeto*, *O Sofista*, *A Política*; III- *Parmênides*, *Filebo*, *O Banquete*, *Fedro*; IV- *Alcebiades I*, *Alcebiades II*, *Hiparco*, *Os Amantes*; V- *Teages*, *Cármides*, *Láques*, *Lísis*; VI- *Eutidemo*, *Protágoras*, *Górgias*, *Ménon*; VII- *Hípias menor*, *Hípias maior*, *Ion*, *Menexeno*; VIII- *Clitofonte*, *A República*, *Timeu*, *Crítias*; IX- *Minos*, *As Leis*, *Epinome*, *Cartas* (JAEGER, 1936, p. 548) .

Condena os poetas porque seus mitos são mentiras, apresentando da divindade ou dos heróis uma imagem falaciosa, indigna de sua perfeição. Sua arte repassa de ilusão, é perniciosa por ser contrária à verdade - essa verdade a que toda pedagogia deve estar subordinada - por desviar o espírito de seu fim, que é conquista da ciência racional (MARROU, 1975, p. 119).

Essa idéia de rompimento da filosofia com a poesia ou com uma visão ingênua e sofística do real pode ser encontrada com evidência no livro X da República:

- Que doutrina?

- A de não aceitar a parte da poesia de caráter mimético. A necessidade de recusar em absoluto é, agora, segundo nos parece, ainda mais claramente evidente, desde que, afirmamos, em separado, cada uma das partes da alma (PLATÃO, 1993, p. 451).

É importante ressaltar em Platão o valor de sua contribuição para o desenvolvimento histórico da humanidade. Não só o pensamento grego se fez sob o olhar da academia, como vários momentos da história se constituíram de sua influência. Ainda hoje, define-se a filosofia sob a inspiração e a ótica do pensamento platônico.

A cultura antiga, que se fundiu na forma do pensamento medieval, determinou a formação do pensamento religioso cristão. Basta recordar a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho, que é uma tradução cristã da República de Platão (JAEGER, 1936, p. 541).

O período de rompimento com o pensamento medieval traz reflexos e influências do Renascimento platônico, colaborando até para o resgate de obras não conhecidas na época medieval.

O Platão que o teólogo e místico bizantino Gemistos Plethon transmitiu aos italianos do século XV, cujas doutrinas Marcílio Ficino professava na academia Platônica de Lourenço de Médicis, em Florença, era um Platão visto pelos olhos de Plotino, e assim continuaram as coisas, quanto ao essencial, nos séculos seguintes, através da época das luzes, até ao final do século XVIII (JAEGER, 1936, p. 541).

Portanto, as idéias de Platão foram sendo divulgadas por vários séculos, aceitas por uns e combatidas por outros, foram a base da construção do pensamento ocidental. Em muitas das atividades de nossa época, é possível perceber que a presença da filosofia platônica, principalmente quando se trata da

relação ou separação do mundo *sensível* e do mundo *inteligível*. Tanto no campo da ciência, da filosofia e da religião, estamos sempre lidando com essa dupla face, dos dois mundos.

O Cinema, a Filosofia de Platão e o filme Mar Adentro:

O cinema tem sido o lugar privilegiado para que as pessoas possam buscar o espaço de lazer e de melhoria de seus conhecimentos e da cultura. Segundo Duarte (2002),

o cinema é a mais auto-referente de todas as formas de arte: cita a si próprio o tempo todo, ao longo de seus mais de cem anos. Assim, é comum o uso de formas de narrar mais ou menos características de um determinado diretor (ou de uma geração cinematográfica) em filmes de outros, seja em forma de homenagem/menção/citação, seja como deboche ou pastiche (DUARTE, 2002, p.60).

Entendendo o cinema como espaço das interpretações dos fatos cotidianos, que transcende à racionalização, aos sentimentos, aos desejos, às crises da identidade humana, tende a ser um *lócus* privilegiado, que realiza a transposição entre o real e o imaginário, sendo assim, propomos uma leitura filosófica do filme *Mar Adentro*, de Alejandro Amenábar. Trata-se de uma narrativa de 2004, que se passa na Espanha e conta a história verídica de Ramón Sampedro, um espanhol que ficou tetraplégico após um mergulho, e viveu 29 anos sendo cuidado por seus familiares e lutando pelo direito de “morrer dignamente”, como ele mesmo dizia. Seu caso foi levado aos tribunais, em 1993, para conseguir a legalidade da eutanásia, mas o pedido foi negado⁶.

O filme revela o que está explícito no pensamento racionalista de Platão. O pensador grego do século V a.C. construiu um modelo de sociedade e de pensamento no livro da República, fundados numa determinada visão de homem, de sociedade, de virtude e de filosofia. A visão de que a realização de tudo se dá por meio da Razão torna-se a base da construção do pensamento ocidental. O uso do cinema, como técnica de ensino e como momento de estímulo para a reflexão filosófica, tem sido cada vez mais divulgado no meio acadêmico.

A escola deve sair de seu estado de inércia, de degradação, de prisão e “quebrar as armadilhas” que impeçam a possibilidade de se ter momentos de aprendizagens prazerosas, buscar na cultura, bem como no cinema, o espaço para tornar o ensino algo inovador e significativo na vida do estudante. Segundo Cabrera (2006), “o cinema consegue obter este impacto emocional, fundamental para a eficácia ‘cognitiva’ do conceito-imagem, através de certas particularidades da técnica

⁶ Resenha escrita por Marta Kanashiro sobre o Filme *Mar adentro*, Direção: Alejandro Amenábar, Espanha – 2004 - <http://www.comciencia.br>

cinematográfica” (CABRERA, 2006, p. 31). O autor aponta três técnicas que sustentam a eficácia do cinema no entendimento de temas extremamente complexos: a) A pluriperspectiva, que é a capacidade de saltar da primeira para a terceira pessoa e atingir, ao mesmo tempo, a subjetividade; b) a *manipulação de tempos e espaços*, de avançar e retroceder, de impor novos tipos de especialidade e temporalidade como só o sonho consegue fazer; c) o *corte cinematográfico*, a pontuação, a maneira particular de conectar cada imagem com a anterior. Sobre um filme, é possível realizar várias leituras, entre elas, a leitura filosófica. Não se deve afirmar que os filmes sejam filosóficos “em si mesmos”, mas que propiciam uma leitura conceitual, a leitura filosófica (CABRERA, 2006, p. 31-32).

O cinema proporciona muitas leituras sobre um determinado filme, a leitura sociológica, a psicológica, a filosófica, dentre outras, pois um único filme revela inúmeras experiências da vida humana e de vários segmentos científicos. Cabrera argumenta que o cinema

impõe à filosofia um desafio que a própria filosofia apresentou recentemente a si mesma. Mas sugere que, para poder tornar inteligível este desafio, é preciso mudar a linguagem da exposição e não simplesmente continuar falando da necessidade de mudá-la (CABRERA, 2006, p. 47).

A utilização do cinema, como mecanismo de entendimento da existência humana, faz com que, por meio do *impacto emocional*, as pessoas tomem consciência de sua existência e de sua realidade de vida, favoreça a busca da verdade e da universalidade da vida humana, ou seja, da presença e da relação do homem no mundo surgem conceitos que a filosofia vem trabalhando desde sua origem.

Considerada a obra máxima de Platão, a República traz todos os temas especulativos e os ordena em torno da sua fundamentação, que é a comunidade perfeita, trata da determinação da natureza da justiça, comunidade humana alguma pode subsistir sem ela (Platão, 1993, p. 362). Para Platão, o único governante capaz de realizar a justiça na Cidade Ideal é o filósofo. Ele é o que ama o conhecimento na sua totalidade e não somente em alguma parte singular. O filósofo é aquele que faz o caminhar da opinião (doxa) até a ciência (episteme).

No livro VI da República, Platão ensina que o mundo *sensível* e o mundo racional são divididos em graus de conhecer:

- 1- A suposição ou conjectura (eikasia), que tem por objeto as sombras e as imagens;
- 2- A opinião acreditada, mas não verificada (pistis), que tem por objeto as coisas naturais, os seres vivos, os objetos da arte, etc;

3- A razão científica (diánoia), que procede por meio de hipóteses partindo do mundo sensível. Esta tem por objeto os entes matemáticos;

4- A inteligência Filosófica (nóesis), que procede dialeticamente e tem por objeto o mundo do ser (ABBAGNANO, 1969, p. 182).

A Educação, como conhecimento, terá o objetivo de levar o homem a avistar o ponto mais alto do seu ser, que é o Bem. A elevação ao mundo *inteligível* está no livro VII da República, no mito da caverna. Nele, Platão demonstra que somente o filósofo pode regressar à caverna, reavaliar o mundo humano à luz do que viu fora deste mundo. Regressar à caverna significa pôr o que viu à disposição da comunidade e obedecer ao vínculo da Justiça que o liga à humanidade na sua própria pessoa e na pessoa dos outros.

É no famoso mito da caverna que se dá o envolvimento mais profundo de Platão e Sócrates com o filosofar. Platão faz aí um balanço de sua vida, analisa o que a ciência é para o homem e examina a si próprio diante da tentativa de implantar uma educação filosófica, suas dificuldades e esforço exigido por ela. O mito expressa ainda uma metafísica, uma gnosiologia, uma dialética ou até uma ética. É o mito que mostra Platão na sua totalidade, ou seja, é uma autobiografia do próprio filósofo.

O diálogo que decorre após a narrativa do mito no livro VII e a reflexão sobre seus significados constituem a tentativa de Platão em demonstrar a possibilidade de implantação de uma cidade perfeita. Platão evidencia um equilíbrio, quando trata o problema do conhecimento para aquele que vai servir a cidade. Somente o filósofo será capaz de subir ao mundo superior e, depois, voltar ao inferior, pois ele está constituído de um conhecimento verdadeiro da realidade. Explica ele:

e assim, teremos uma cidade para nós, que é uma realidade, e não um sonho, como atualmente sucede na maioria delas onde combatem por sombras uns com os outros e disputam o poder, como se ele fosse um grande bem (PLATÃO, 1993, p. 145).

A prática política só terá sentido se for baseada nos princípios da justiça. Só se comprometendo com o mundo humano o homem terá completado a sua educação e será verdadeiramente político (filósofo). O regresso à caverna representa, talvez, a superação de suas ambições, desce ele à caverna na tentativa de salvar os outros. O verdadeiro político não ama o comando e o poder, mas os usa como instrumentos para a produção de serviços destinados à realização do Bem. Somente este homem, que "viu" o verdadeiro Bem, deverá e saberá correr esse "risco", pois é isso que dá sentido à sua existência. "O regresso à caverna possibilitará a reavaliação do mundo humano à luz do que viu fora deste mundo" (ABBAGNANO, 1969, p. 182). O prisioneiro é arrancado de seu estado de

inconsciência, em que ignorava que vivesse acorrentado na escuridão, não fazia idéia de que seu saber era um falso saber. A *alegoria da caverna* representa, assim, as diferentes etapas da educação e da progressão do filósofo no sentido da ciência do Bem. Tais elementos demonstram a contribuição do pensamento platônico para a construção do *ethos* ocidental. Foi Platão o primeiro a elaborar uma concepção histórica do pensamento, assim como uma filosofia da essência, que é uma forma fixa, permanente, o perfil constante, que persiste em todas as mudanças do tempo. O valor desta construção é entendido a partir da situação sócio-histórica, de onde ela própria emergiu, da política de sua época.

A elaboração do conceito de justiça fundamenta-se, principalmente, na superação ao simplesmente fático. Para Platão, o fático pode ser medido, questionado, criticado e transformado. Ele transcende o fático em busca de uma verdade que possibilite a construção do conceito de *Politéia* como centro da ciência do *ethos*, da educação, da consciência, da justiça.

Sendo assim, a virtude, para Platão, constitui as qualidades perfeitas na busca essencial do Bem. O grande exemplo é Sócrates, o *grande pregador da virtude e do cuidado da alma*. Cada virtude se constitui em revelar-se como conhecimento do Bem. A preocupação constante de Platão estava em discutir o conceito de virtude como cuidado da alma, e o objetivo era lançar a inquietação nos homens e estimulá-los a fazer alguma coisa por conta própria, a virtude é o conhecimento do Bem⁷.

A visão dualista de entendimento do homem, defendida por Sócrates, que vê o homem dotado de corpo e alma, em Platão, ganha um significado especial e dá fundamento para a construção da cultura ocidental, tem reflexo no pensamento de Santo Agostinho, quando trata da Cidade dos Homens e da Cidade de Deus, em que o autor revela os dois mundos, o perfeito e o imperfeito. A Filosofia grega ganha estatuto teológico e segue a administrar a fé dos povos cristãos que passam a acreditar que a vida terrena é imperfeita e passageira, mas que há uma perfeição e plenitude após a morte.

Platão é considerado

o fundador da cultura e da educação eminentemente filosóficas, decorrentes de um processo que começou com a sua admiração pela política: Outrora, quando eu era jovem, nutria, como tantos outros, o propósito de, quando me tornasse senhor de mim mesmo, consagrar-me à política (QUILLICI NETO, 2002, p.19)

⁷ Em Platão, o verdadeiro conhecimento é o conhecimento do Bem, e o filósofo, o homem dotado de saber necessário para chegar ao Bem absoluto sobre todas as coisas. Logo, “aquele que realmente gosta de aprender deve, desde novo, aspirar ao máximo a verdade integral” (JAEGER, 1936, p. 864).

A racionalidade de Platão foi se desdobrando e sendo incorporada por outros pensadores do pensamento medieval e moderno. Na verdade, há uma racionalidade que sustenta nosso pensamento, nossa existência no mundo, nossa relação com o mundo, nossa vida em geral, tal racionalidade está presente nas elaborações matemáticas, na física, no entendimento da história, nos softwares de computadores, nos desenhos animados, no cinema, na educação.

O filme *Mar Adentro* trata de questões fundamentais da existência e do relacionamento humano. Não trata somente da morte, trata da liberdade, do amor, da felicidade e das questões religiosas que envolvem as crenças humanas. O autor está sempre chamando à atenção para as questões mais polêmicas de nosso dia-dia.

Ramón, personagem principal do filme *Mar Adentro*, declara que *a vida assim não é digna*⁸, consciente de seu sofrimento, tinha claro que continuar vivo seria um erro, mesmo que os amigos e a família argumentassem o contrário. O personagem defende a idéia de que temos de ter o direito de escolher entre estar vivo ou não.

A morte sempre esteve conosco e sempre estará, afinal, todos vamos morrer, não é? Todos. Outro argumento que o autor defende e busca sustentar-se diante da fragilidade que é a existência humana, pois, na realidade, somos todos passageiros do nosso próprio tempo. A morte não o assusta, pelo contrário, vê nela uma forma justa de demonstrar aos outros que morrer é algo comum a todos os seres humanos.

É interessante observar que o filme está lidando com o que há de mais frágil na vida dos seres humanos, a morte. Estar consciente de que quer morrer revela uma noção clara dos limites e das fragilidades humanas, pois coloca em jogo o que mais prezamos, que é a liberdade: *aceitar a cadeira de rodas seria como aceitar migalhas do que foi minha liberdade.*

Sobre o amor, dizia que *não estava disposto a amar naquelas condições*, pois só é possível amar livremente, e sua condição não lhe permitia viver livremente. Apesar de seu jeito rude e racional, aparece no filme, momento de grande sensibilidade, no relacionamento com a advogada, a que se propôs a levar o caso aos tribunais, e com Rosa, que disse ter se apaixonado por ele, e, por isso, o tirou da casa de sua família e o levou a um lugar onde pode sacrificar sua vida de forma livre e consciente.

No entanto o direito de morrer ou viver é reivindicado a todo tempo durante o filme, a polêmica do filme é uma polêmica de nosso tempo, e ronda nossa existência. O personagem toma uma decisão racional com base na idéia da liberdade de escolha e defende o princípio de que viver naquelas condições não valia a pena, a vida só tem sentido se puder fazer uso total dela. Não há, por parte do personagem principal, possibilidade alguma de adaptar a vida a uma outra condição, o que não lhe permitiria de viver plenamente.

⁸ Os escritos em itálico que constam nesta parte do texto são falas do próprio filme.

Considerações:

O uso do filme ou do cinema na sala de aula tem tomado, nos últimos tempos, um espaço importante e significativo. O filme é um recurso relevante para levar o aluno a ter mais claro o conceito filosófico e, ao mesmo tempo, poder realizar uma reflexão em torno das várias questões filosóficas que poderão surgir no tempo dedicado ao estudo da filosofia.

O trabalho que ora apresentamos, uma análise do filme *Mar Adentro*, sob a ótica da leitura filosófica da República de Platão, teve como eixo central a idéia de que, apesar do sofrimento do personagem paraplégico, havia uma convicção consciente, que era a decisão pela morte, ou seja, a liberdade da escolha entre viver ou não.

O personagem explicita e reivindica durante todo o filme o direito de morrer. Foi a escolha, que, segundo ele, realizou livremente. Após o caso ter sido levado aos tribunais, a Corte não aceita o seu pedido, nega o direito de escolha individual, embora Ramon esteja decidido a morrer pela liberdade e pelo amor a si mesmo.

Na *Alegoria da Caverna*, encontramos esses conceitos de forma muito clara, quando o homem quebra as amarras das correntes, sai da escuridão e conhece a claridade, percebe, naquele momento, a possibilidade de uma nova realização, a de ver as coisas como realmente são. Para Platão, é o momento em que o homem tem clareza do conhecimento, da realidade, quando consegue ver a realidade tal como ela é, à luz da razão.

O mito expressa ainda uma metafísica, uma gnosiologia, uma dialética ou até uma ética. É o mito que mostra Platão na sua totalidade, ou seja, uma auto-biografia do filósofo. A *alegoria da caverna* representa, assim, as diferentes etapas da educação e da progressão do filósofo no sentido da ciência do Bem.

Entre o filme *Mar Adentro* e o diálogo da *República*, há algo que se assemelha, para o primeiro, à tentativa de demonstrar que não vale a pena o sofrimento e, por isso, reivindica a morte como meio de liberação. O segundo prega que somente após a superação dos limites e das barreiras que temos é que conseguiremos realizar o que sonhamos. Nesta visão, as duas formas de ver o mundo demonstram uma racionalidade e consciência do que a vida é e de como deve ser vivida.

Portanto, a filosofia se realiza nas ações humanas, o cinema e o filme podem colaborar no entendimento de uma razão que, muitas vezes, não está expressa, mas que está presente no cotidiano da humanidade. Tal racionalidade, construída desde os gregos até o presente, pode ser identificada nas ciências, na cultura, nas religiões, etc.

Bibliografia Básica

ABAGNANO, Nicola. História da Filosofia. Vol.I. Editorial Presença. Lisboa. 1969.

CABRERA, Julio. O Cinema Pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro. Rocco. 2006.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

JAEGER, Werner. Paideia. A Formação do Homem Grego. Editora Herder. SP. 1936.

LIMA VAZ, Henrique C. Antropologia Filosófica I. SP. Loyola. 1991.

_____. Escritos de Filosofia. Problemas de Filosofia. Nova Fronteira. Editora Loyola. SP. 1986.

_____. Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura. Editora Loyola. SP. 1988.

MARROU, Henri - irene. História da Educação na Antiguidade. São Paulo. E.P.U. 1975.

PLATÃO. República. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1993.

QUILLICI NETO, Armino. Educação, Justiça e Política na República de Platão. São Paulo. Altana. 2002.

REALE, Giovanni. História da Filosofia. Antiga e Idade Média. Vol. I. SP. Ed. Paulinas. 1990.

_____. História da Filosofia. Vol. I. Loyola. SP. 1993.